XII Congresso Brasileiro de História Econômica
&
13ª Conferência Internacional de História de Empresas

Niterói,
28, 29 e 30 de agosto
de 2017

Coreia do Sul e Taiwan: Uma história comparada do pós-guerra

Alexandre Black de Albuquerque

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Coreia do Sul e Taiwan:
Uma história comparada do pós-guerra

Alexandre Black de Albuquerque[1]

Resumo
Nos últimos sessenta anos Coreia do Sul e Taiwan vem demonstrando um grande dinamismo econômico que os tornaram os principais exemplos de desenvolvimento entre nações da periferia do capitalismo. Em poucas décadas deixaram de ser países agrários e se transformaram em economias industriais. Nesse artigo propomos fazer uma história econômica comparada dessas duas nações tendo como recorte temporal o pós Segunda Guerra Mundial. A escolha desse marco temporal está de acordo com as mudanças nas estruturas econômicas e sociais que ocorreram nesses países ao fim de década de 1940 e início dos anos de 1950 e com a ascensão e fim da Guerra Fria, que tanto influenciou as escolhas feitas pelos respectivos governos nacionais e dos EUA, que deram farto apoio financeiro a essas duas pequenas nações asiáticas.

Palavras chave: Coreia do Sul; Taiwan; Capitalismo; Desenvolvimento; História comparada.

Abstract
The last sixty years South Korea and Taiwan has shown a great economic dynamism that made them the main examples of development among nations on the periphery of capitalism. In a few decades they ceased to be agrarian countries to turn into industrial economies. In this article we propose to make an economic comparative history of those two nations having time frame as the post World War II. The chose of this timeframe is in line with the economic changing and social structures that have occurred in those countries at the end of the 1940s and early 1950s and the rise and fall of the Cold War, which so influenced the choices made by the respective national governments and the US, who have had enough financial support to those two small Asian nations.

Keywords: South Korea; Taiwan; Capitalism; Development; Comparative history.

1 Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

Coreia do Sul e Taiwan são dois casos paradigmáticos de Newly Industrialized Countries – NICs, em apenas cerca de sessenta anos passaram de nações agrárias para constituírem parques industriais tecnologicamente avançados. Neste artigo propomos fazer uma história econômica comparada destes dois estados tendo como recorte temporal o pós Segunda Guerra Mundial. A escolha deste marco temporal está de acordo com as mudanças nas estruturas econômicas e sociais que ocorreram nesses países ao fim de década de 1940 e início dos anos de 1950, que possibilitou que seguissem pelo caminho do desenvolvimento.

Todo estudo de história comparada apresenta riscos e oportunidades, no entanto, os riscos não devem ser obstáculos para assumir essa tarefa e as oportunidades devem ser observadas atentamente para não cair em contradições e anacronismo. Não pretendemos aqui fazer uma historiografia da história comparada nem, muito menos, estabelecer novos marcos teóricos, outros já caminharam por essas trilhas com muito mais desenvoltura do que nós, no entanto, não podemos deixar de fazer uma breve leitura desse importante ramo da história, para podermos situar da melhor maneira possível nossa pesquisa.

Seguiremos aqui algumas das afirmativas de Marc Bloch, bem retratadas por Barros (2007, p. 15),

> Trata-se aqui de comparar sociedades próximas no tempo e no espaço, que exerçam influências recíprocas. A vantagem de comparar sociedades contíguas está precisamente em abrir a percepção do historiador para as influências mútuas, o que também o coloca em posição favorável para questionar falsas causas locais e esclarecer, por iluminação recíproca, as verdadeiras causas, interrelações ou motivações internas de um fenômeno e as causas ou fatores externos. Será importante ainda salientar que, para empreender este caminho da História Comparada que atua sob realidades históricas contíguas – por exemplo, duas realidades nacionais sincrônicas – o historiador deve estar apto a identificar não apenas as semelhanças como também as diferenças.

Nosso estudo se aproxima bastante da descrição acima. Taiwan e Coreia do Sul são obviamente próximos, tanto do ponto de vista geográfico – distam não mais que cerca de mil quilômetros – e também possuem alguma aproximação cultural, sobretudo em relação ao confucionismo. No entanto temos que relativizar essas semelhanças para não cairmos aqui em anacronismos, como bem salienta Marc Bloch, por outro lado é claro que existe uma certa herança cultural comum que influencia parte do Sudeste asiático. Além disso esses dois países tiveram motivações semelhantes para empreender

o processo de reestruturação sócio-econômico em fins da década de quarenta: o espectro do comunismo. Ambos tiveram que se reinventar para impedir a tomada de poder pelos comunistas que haviam vencido a revolução na China e passaram a controlar a Coreia do Norte. Tiveram também um grande aliado internacional, os EUA, que desenvolveram a tese do Dominó Asiático, dos quais os dois eram peças fundamentais, logo são objetos representativos da História Comparada,

> Estudar paralelamente sociedades vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras, sujeitas em seu desenvolvimento, devido a sua proximidade e a sua sincronização, à ação das mesmas grandes causas, e remontando, ao menos parcialmente, a uma origem comum (BLOCH, 1928, p. 19 *in* BARROS, 2007, pag. 15).

Ou seja, como nas palavras de Cardoso & Brignoli (1983, p. 414): "só é proveitoso comparar o realmente comparável". Aqui voltamos à questão da Coreia e de Taiwan, provavelmente dois dos países mais "comparáveis" do mundo, pelo menos no pós Segunda Grande Guerra, e não por ter trajetórias idênticas, e sim pelas diferenças que torna cada qual um caso único de desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, aproximam-se em suas similaridades.

Um dos objetivos da História Comparada é romper com as fronteiras nacionais, tentando demonstrar uma "particularidade total", sobretudo depois do fenômeno da mundialização, que derrubou certas fronteiras, no entanto, fronteiras ainda existem – especialmente as relativas ao deslocamento humano – e inúmeros países conseguem manter um relativo grau de autonomia que modifica e interage com a forma que participam da economia global. Os dois países do nosso estudo, por certo, seguiram certas linhas semelhantes – como a da reforma agrária – mas também desenvolveram particularidades que os diferenciam, diferenças que já existiam em relação as suas próprias histórias, à geografia, étnica entre outras. "Certas similaridade nos fatos observados e certa dessemelhança dos ambientes em que ocorriam. Somente essa combinação permitiria uma comparação frutífera de semelhanças e diferenças." (FAUSTO & DEVOTO, 2004, p. 13). Ou na observação de Theml & Bustamante (2007, p. 11),

> A comparação convida os pesquisadores a colocar em múltiplas perspectivas as sociedades, os contrastes, os excessos e o secreto, inicialmente, sem fronteiras de tempo ou de espaço. Isto porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se freqüentemente espaços de inteligibilidade e de reflexão nova. Esta forma de comparação autoriza a análise de componentes de

> configurações vizinhas e cada uma, com seus traços diferenciais, permite entrever a clivagem entre uma série de possibilidades.

É essa perspectiva dos contrastes e das semelhanças que tentaremos averiguar ao fazer esse estudo comparativo entre esses dois países que conseguiram sair do lugar comum do subdesenvolvimento e emergiram como economias dinâmicas e relativamente avançadas.

Breve Histórico das Duas Nações

Coreia do Sul e Taiwan (Formosa) tiveram, nos últimos sessenta anos, altas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB com intenso desenvolvimento econômico e social. Entre as razões apontadas para o sucesso desses países destacam-se: investimento maciço em educação, ciência e tecnologia – C&T e redistribuição de renda no início do processo, o que aumentou o mercado para bens de consumo de massa. Também incentivaram a formação de poupança interna, diminuindo a necessidade de recursos estrangeiros; o viés exportador de produtos elaborados também parece ter sido de grande importância, na medida em que suas empresas, para competir globalmente tinham que, obrigatoriamente, investir pesado em tecnologia, produtos e gerenciamento eficiente. As vantagens competitivas foram sendo criadas, adaptadas e modificadas pelo Estado, de acordo com a evolução econômica do país. A mão de obra barata, e pouco qualificada, teve papel importante no início do processo, ainda nos anos de 1950. No último decênio do século XX, no entanto, os salários tinham se elevado e a mão de obra continuava extremamente importante para a continuidade do desenvolvimento, mas, agora, em razão do alto padrão de qualificação que alcançara depois de muitos anos de intensos investimentos em educação.

Taiwan e Coreia são dois pequenos países do Sudeste Asiático. O primeiro é uma ilha com cerca de 36 mil Km^2 e 23,3 milhões de habitantes (2013)[2] enquanto o segundo[3] ocupa uma área quase três vezes maior (99.900Km2) e tem mais do dobro da população (49,5 milhões em 2014). Historicamente há diferenças importantes, enquanto que até o século XVII os chineses pareciam não ter muito interesse em Taiwan, em consequência da agressividade do povo local e da falta de bens comercializáveis, a primeira invasão à

2 Fonte: Taiwan Statistical Data Book 2014.
3 Fonte: Organização das Nações Unidas – ONU.

Coreia foi registrada em 108 a.C.. Em relação a Taiwan foram os portugueses, em 1582, que se tornaram os primeiros europeus a fazer contatos na ilha, dando-lhe o nome de "Ilha Formosa", mas foram os holandeses que em 1633 conseguiram se estabelecer, fomentado um lucrativo comércio. Com o fim da dinastia Ming, em 1644, e a ascensão da dinastia Manchu, algo em torno de cem mil pessoas fugiram das províncias costeiras da China para a ilha. Cedo surgiram conflitos entre os holandeses contra os chineses e habitantes locais, levando a expulsão dos primeiros. Em 1683 a China incorpora a ilha e perde sua posse em 1895, com a derrota para o Japão. Com a vitória da revolução chinesa em 1949 e a consequente fuga de Chiang Kai-shek para Taiwan, tem início o governo do Kuomintang – KMT (partido nacionalista), que reivindica soberania sobre toda a China, como esse objetivo tornou-se cada vez mais irrealista, em 1991 o governo de Taiwan renuncia a essa "soberania" e declara que a ilha é um estado independente, fomentando críticas do outro lado do estreito que separa o pequeno país da China continental. Taiwan ficou famoso como um dos quatro tigres asiáticos, junto com Coreia do Sul, Hong Kong e Singapura, países que passaram por vigoroso processo de desenvolvimento econômico na segunda metade do século XX. A história recente de Taiwan é bastante particular, como dito acima, em 1949, com a vitória da revolução de Mao Tse Tung na China continental, contra as do KMT de Chiang Kai-shek, esse último e seus seguidores se refugiaram na ilha e empreenderam um movimento de reformas políticas e econômicas que jamais pensaram em realizar enquanto governavam a China.

A Coreia do Sul foi fundada em 1948 como resultado da divisão da Coreia. A influência da China na cultura é muito antiga e se intensificou com a ocupação de parte da península da Coreia em 108 a.C.. No período dos Três Reinos (57 a.C. – 668 d.C) houve grande desenvolvimento cultural e, com a reunificação, em 668, o budismo teve grande impulso, no entanto, a partir do final do século XV, o Estado começa a impor o neoconfucionismo como ideologia dominante. A Coreia passou por um grande florescimento cultural e econômico na primeira metade do século XV, uma série de invasões de manchus e japoneses, no entanto, levaram o país a se fechar para o mundo externo e desenvolver uma economia baseada numa massa de camponeses e escravos, esses últimos, segundo Rocha (1996), chegaram a representar 30% da população em dado momento, e a escravidão só foi abolida em 1894. Ao raiar do século XX a Coreia era um país relativamente pobre e atrasado, e seu território estava sendo disputado pela Russia e Japão, com a vitória nipônica na Guerra Russo-japonesa, em 1905, a Coreia tornou-se protetorado do país asiático e, em 1910, foi transformada em colônia. Nos

trinta e cinco anos seguintes vários movimentos antiimperialistas tomariam corpo na Coreia, todos, no entanto, seriam brutalmente reprimidos pelo Japão. No entanto, o imperialismo japonês construiria uma certa infraestrutura industrial e de transportes para apoiar seus planos expansionistas na Ásia, e que teria alguma importância no processo de industrialização da Coreia do Sul da segunda metade do século XX. A libertação do país ocorreu ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Desenvolvimento Sob o Signo da Guerra Fria

Foi a Revolução Chinesa que impulsionou parte do processo que se observaria em Taiwan após 1949, assim com foi a Guerra da Coreia que deu impulso as transformações na Coreia do Sul. Com o advento das reformas estruturais, e o largo apoio financeiro dos EUA, os dois países alcançaram altas taxas de crescimento econômico como demonstra o quadro 1, e melhoraram a distribuição de renda,

Quadro 1 - Quadro comparativo de crescimento econômico por período selecionado

Taiwan		Coreia do Sul	
Período	Crescimento médio	Período	Crescimento médio
1953-1982	8,7%	1950-1979	6,5%
1980-1989	acima de 7%	1980-1989	8,8%
1990-1999	6,4%	1990-1999	7,1%
2000-2009	3,4%	2000-2009	4,7%
2010-2013	4,6%	2010-2013	3,8%

Fonte: Taiwan primeiro período CASTELLS (1999), depois, Taiwan Statistical Data Book 2014. Para Coreia do Sul, MASIERO (2002) até 1979, depois, OCDE.

O desenvolvimento dos dois países, nos anos de 1950 até a década de 1980, foi controlado por Estados autoritários, mas comprometidos com os respectivos processos de desenvolvimento nacional. Nos anos iniciais do KMT em Taiwan (década de 1950), foi formada uma rede de pequenas e médias empresas que seriam os motores da transformação econômica do país, enquanto na Coreia este ciclo de crescimento industrial foi fortemente baseado na concentração de capital. Algumas poucas empresas, conhecidas como *chaebols* – conglomerados de empresas –, concentraram vários ramos de atividades que produziam de automóveis a navios, passando pela eletrônica e outros

ramos. Essas indústrias foram escolhidas pelo Governo e receberam todos os incentivos possíveis, passando, em pouco tempo, a concentrar boa parte da economia coreana. Essa diferença na forma de desenvolver o parque industrial traria consequências díspares, ao concentrar capital já no início do processo construindo grandes empreendimentos produtivos, tentando "pular" etapas, as empresas coreanas recorreram a pesados empréstimos externos para por seus planos em prática. Essa forma de atuação teve papel importante na crise[4] em que o país mergulhou no final do século XX, Taiwan, por outro lado, conseguiu atravessar a crise asiática de 1997/8, aparentemente sem danos maiores.

A prática da industrialização

Nos dois países foi estabelecida uma política de substituição de importações na década de 1950, sobretudo em áreas intensivas em mão de obra como a indústria têxtil e calçados. No entanto, pequenos núcleos de maior padrão tecnológicos foram sendo constituídos e se tornaram, a partir da década de 1960, cada vez mais importantes para o desenvolvimento econômico, mesmo período, e não por coincidência, que essas economias se voltam às exportações. Da década de 1980 em diante, áreas intensivas em tecnologia, como informática e máquinas & equipamentos industriais, tornaram-se o motor econômico. É verdade que nas duas primeiras décadas a ajuda financeira norte americana foi de vital importância para a implementação de uma pequena mas eficiente infraestrutura de base e cobriram os então constantes déficits em conta corrente que foram equalizados quando as exportações tomaram vulto. Abaixo faremos um breve descrição do processo de desenvolvimento da Coreia e depois de Taiwan:

Coreia do Sul

O governo sul coreano criou um ambicioso plano de desenvolvimento onde o papel do Estado foi relevante, com resultados surpreendentes principalmente quando se leva em conta à pobreza do país em termos de recursos naturais. No início do seu desenvolvimento a Coreia era uma nação extremamente pobre e hoje se destaca como um dos grandes comerciantes globais. O país,

4 Em 1997 uma megacrise econômica abateu vários países do Sudeste Asiático, porém, não todos. Os que foram atingidos tinham em comum as seguintes características: pesado endividamento externo, elevados déficits em conta corrente, pouca transparência na administração do setor financeiro e mercado de capital interno aberto ao capital estrangeiro.

> […] construiu um modelo econômico marcado por forte intervenção estatal. Consolidou-se uma relação muito próxima entre o Estado e os grupos empresariais, em que o primeiro, por meio de incentivos e sanções, procurou moldar uma estrutura industrial robusta e competitiva. O controle do setor financeiro deu ao Estado forte capacidade de promover os setores considerados estratégicos. Uma alta capacidade de monitoramento, propiciada por uma burocracia capacitada, garantiu que os incentivos fossem acompanhados de aumento de produtividade, elevação na competitividade e capacidade de exportação. Durante as décadas de 1960 a 1980, a implantação desse modelo levou a um rápido e bem-sucedido processo de industrialização. (GUIMARÃES, 2010, p. 47)

Esse desenvolvimento foi profundamente marcado por um viés exportador, sendo as exportações o motor do crescimento coreano desde meados dos anos de 1960, quando não faltam subsídios financeiros, isenções fiscais e outras práticas governamentais consideradas desleais no comércio internacional. Este modelo não só permitiu à Coreia do Sul ter um rápido incremento das exportações, como também resultou, a longo prazo, numa mudança do perfil dos produtos exportados. No início, predominavam têxteis e outras mercadorias de baixo valor agregado e, hoje, o país é forte em bens de alto conteúdo tecnológico, como eletrônicos, semicondutores, carros e maquinário industrial. O papel do governo foi fundamental neste processo – a *Economic Planning Board* (EPB), agência governamental responsável pela formulação e execução dos planos de desenvolvimento era extremamente eficiente – pois o crédito, até recentemente, era administrado pelo Estado que escolhia as áreas a serem beneficiadas e obrigava as empresas a investirem pesado em tecnologia, e ele próprio era, e continua sendo, um grande investidor em C&T.

Por outro lado a Coreia do Sul sempre teve dificuldade relativa ao financiamento da economia, se bem que isto seja normal a qualquer país periférico, no entanto, poucos outros países tiveram que alocar uma parte tão grande da renda nacional em defesa como consequência do eterno entrevero com a Coreia do Norte. Desta forma, os gastos militares ficaram sempre acima dos 5% do PIB e nunca representaram menos de 30% do orçamento do governo (KANG). Logo, com uma parte tão grande da renda nacional sendo consumida pelo setor de defesa, o país teve de se endividar pesadamente para manter altas taxas de crescimento econômico quando enveredou, nos anos de 1970, na industrialização pesada, e isto apesar de possuir altas taxas de poupança interna. Segundo Canuto (1994, p. 5),

> A industrialização pesada sul-coreana, como as demais experiências de desenvolvimento industrial "tardio", envolveu descontinuidades quantitativas e qualitativas nos processos locais de acumulação de

> capital, superáveis apenas mediante centralização financeira. Também como em outros casos, recorreu massivamente ao sistema bancário privado internacional nos anos 70, período em que concentrou seu *drive* em direção a indústria pesada (metalurgia, química e metal-mecânica).

Este pesado endividamento levaria o país tanto a "crise da dívida" de 1982 como a "crise asiática" de 1997, no entanto, a Coreia se recuperou rapidamente nas duas ocasiões. Para Canuto a rápida recuperação da "crise da dívida" foi possível, sobretudo, graças ao crescimento baseado em exportação com mudança estrutural dos bens exportados – bens de maior valor agregado substituíram bens intensivos em mão de obra –, tornando acertada a opção pelo viés fortemente exportador do país. Essa postura foi adotada pelo Governo em razão do mercado interno relativamente pequeno e, por isso, incapaz de proporcionar a necessária economia de escala que viabiliza a indústria, notadamente a de alta tecnologia. Desta forma, isto foi menos uma imposição e mais uma necessidade. E, ainda assim, o país, durante muito tempo, teve de praticar um forte protecionismo para evitar que as importações afetassem negativamente suas indústrias, para não falar dos subsídios às exportações, uma das únicas formas que a Coreia encontrou, principalmente no começo do processo de industrialização, para concorrer no mercado internacional. Na visão de Kang (1990, p.65),

> Em primeiro lugar, houve subsídios financeiros, que foram o sustentáculo de muitas das atividades em que os exportadores precisam se envolver: aquisição e importação de matérias-primas no exterior, produção, atividade de marketing além-mar, e assim por diante. O Export-Import Bank propiciou fundos a baixo custo para atividades de exportação que exigiam longos ciclos de giro de capital. O câmbio se tornou disponível em condições atraentes para as firmas que necessitavam adquirir fábricas e equipamentos estrangeiros para a fabricação de produtos a serem exportados.

A crise asiática de 1997 teve componentes semelhantes à crise da década de 1980 e parece ter surpreendido o mundo, sobretudo porque a Coreia do Sul, maior símbolo do sucesso asiático nas últimas décadas, foi um dos países a fazer parte desse processo, os outros foram: Indonésia, Malásia, Tailândia, e Filipinas. Havia, contudo, muitas diferenças entre a Coreia e os outros países do grupo. Sobretudo do ponto de vista educacional, tecnológico e do valor adicionado às exportações. Em todos estes itens a Coreia estava em posição bem à frente dos demais. No caso da Coreia do Sul, os *chaebols* tiveram participação vital no processo que levou à crise. O gigantismo dessas empresas, e das estruturas produtivas sob seus comandos, levaram a uma permanente

necessidade de empréstimos "jumbos". Desde os anos de 1960, como a Coreia não tinha condições de arcar com toda carga financeira requisitada pelos grandes conglomerados, o país começou a acumular dívida externa.

Cada vez maiores os conglomerados foram aumentando seu poder político, de tal modo que, dependentes e submissos ao Estado até a década de 1970, passaram a financiadores de carreiras políticas. No início dos anos de 1990, ávidos de mais capital e com grande influência sobre as políticas públicas, os *chaebols* conseguiram impor uma forte desregulamentação financeira. Guimarães (2010, p. 51) baseado em Haggard afirma que,

> Um componente central da crise de 1997 foi o processo de desregulamentação financeira. Em 1991, pressionado pelos Estados Unidos, mas também pelos *chaebols*, o governo licenciou a atuação de bancos de investimento e eliminou a restrição para a emissão de *commercial papers*, favorecendo o endividamento de curto prazo em moeda estrangeira.

Continuando Guimarães (*idem*) acrescenta que,

> Posteriormente, medidas foram adotadas na direção de uma maior liberalização da conta de capitais. Estas reformas deram aos *chaebols*, que controlavam instituições financeiras não bancárias, grande oportunidade de lucros. A pressão dos *chaebols* ajuda a explicar a forma assumida pelo processo de liberalização, centrado em facilitar o acesso ao crédito internacional, mas restringindo a participação estrangeira nos mercados de títulos e ações.

A desregulamentação financeira propiciando um intenso endividamento de curto prazo e uma forte apreciação da moeda, que reduziu a competitividade do país, resultou em elevados déficits em conta corrente. Quando, em 1997, os investidores externos temeram pela solvência das firmas coreanas e por uma possível desvalorização da moeda local, simplesmente, como é usual nesses casos, cortaram as linhas de crédito ao país, o que acabou por provocar a temida desvalorização cambial e a insolvência não só das firmas, mas do próprio país.

Com o colapso cambial e a falência de vários *chaebols* a Coreia foi obrigada a aceitar um pacote internacional de ajuda no valor de 58,3 bilhões de dólares e seguir várias recomendações do FMI – contração do crédito, aperto fiscal, aumento dos juros, etc –, no entanto o governo contrariou certos aspectos do plano de resgate por entender que eles agravavam a crise, e parece ter convencido os credores disso, tanto que os juros de curto prazo caíram bastante. A dívida pública, no entanto, pulou de 17,3% do PIB em 1997 para 41% 1999 (CANUTO). O mais importante foi que a Coreia do Sul conseguiu

reverter seu déficit em conta corrente e, já em 1998 teve um grande superávit, proporcionando desta forma moeda forte para fazer frente ao serviço da dívida. Além disto, o Estado atuou de forma decisiva para contornar o mais rápido possível a crise. Como salienta Canuto (2002, p. 319),

> Dois fatores têm sido básicos na recuperação coreana. Primeiro, as exportações, puxadas pelo bom desempenho de vendas de produtos eletrônicos, particularmente de semicondutores [...] Segundo fator-chave na recuperação tem sido a atuação do setor público. Seu papel ativo na recuperação do setor financeiro, após o início da crise, impediu que essa deixasse seqüelas maiores sobre a base produtiva, a qual justamente tem permitido a rápida recuperação de exportações e crescimento.

Além da preocupação com a recuperação do setor financeiro, o Estado coreano impôs aos *chaebols* a reestruturação administrativa e, sobretudo, um processo de desmembramento que implicasse na diminuição do tamanho dos conglomerados. Em poucos anos, a maior parte das grandes empresas coreanas reduziram substancialmente seu endividamento. Em decorrência, ocorreu uma rápida recuperação da crise seguido pela continuidade do desenvolvimento do país.

A crise asiática de 1997, no entanto, fez com que o governo desmembrasse estes conglomerados para dar a eles mais eficiência, um reconhecimento de que o modelo tinha chegado a um impasse, sobretudo porque impedia um maior desenvolvimento das micros e pequenas indústrias, fundamentais para geração de empregos e renda e, reconhecidamente, mais capazes de criarem inovações tecnológicas e administrativas.

No entanto é interessante notar que a evolução dos *chaebols*, em relação ao campo de atuação, corresponde à evolução da própria Coreia do Sul. Um exemplo foi o grupo SAMSUNG, que na década de 1950 atuava nos setores de açúcar e tecidos de lã, na década de 1960 entrou nos setores de fertilizantes, papel e eletrônica; indústria petroquímica, naval e tecidos sintéticos foram incluídos na década de 1970; os anos 1980 viram a entrada na indústria aeronáutica, de biotecnologia e semicondutores. Logo, o grupo SAMSUNG, assim como toda a Coreia do Sul, passou de uma fase industrial intensiva em mão de obra para uma economia intensiva em capital e tecnologia.

Taiwan

Segundo Tsai (1999) Taiwan passou por quatro níveis de industrialização e é interessante notar que, tirando a não similaridade das datas e programas específicos de

cada país, a Coreia do Sul passou pelos mesmos níveis,

1. Substituição primária de importações (1952 – 1957)
2. Transição e promoção de exportações (1958 – 1972)
3. Substituição secundária de importações (1973 – 1980)
4. Promoção de indústrias estratégicas e de alta tecnologia (1981 – até o presente)

A fase 1 foi beneficiada pela reforma agrária que distribuiu renda e aumentou a produtividade da terra, consequentemente aumentando o mercado consumidor e o suprimento de alimentos para a população. Além disso, o Estado se utilizou de uma "bateria de intervenções" como restrições a importações e taxa cambial favorável. Nessa fase foram as indústrias intensivas em mão de obra as favorecidas. A segunda fase foi marcada pelo programa dos 19 pontos, que tinha como objetivo encorajar a poupança e o investimento e promover as exportações, além de reduzir as despesas. Foi durante essa fase que Taiwan criou a primeira zona de processamento de exportações do mundo, nessa área as multinacionais tinham acesso à mão de obra barata, não pagavam impostos (ou eram baixos) e contribuíram para treinar milhares de pessoas que, eventualmente, ou foram contratadas por empresas de capital nacional da ilha, ou abriram suas próprias empresas e nelas introduziram técnicas administrativas aprendidas com as multinacionais. A terceira procurou substituir importações químicas, equipamentos de transportes e siderurgia e metalurgia, ou seja, melhorar a infraestrutura e interiorizar a produção de certos insumos industriais.

A quarta e última fase, que prevalece até o momento, buscou identificar ramos industriais de alta tecnologia que atendessem a alguns critérios pré-selecionados, entre eles: grande potencial de mercado, baixa intensidade energética e baixa poluição. Está claro hoje que nem todos os objetivos deste plano foram cumpridos mas, no geral, Taiwan conseguiu desenvolver um interessante parque industrial de alta tecnologia. É claro que a demarcação destas fases torna-se necessário para melhor compreender o desenvolvimento da ilha, no entanto, na realidade, elas não foram, nem poderiam, ser tão precisas como apresentadas acima. Desde o início das reformas Taiwan tentou buscar mercados externos e grande parte dos resultados da segunda fase só foram colhidos num momento posterior, tendo em vista o tempo de maturação dos projetos.

Por outro lado as condições iniciais para o início das reformas sociais e

econômicas introduzidas em Taiwan na década de 1950 parecem terem sido mais favoráveis que as da Coreia do Sul, Segundo Ranis (2002, p. 4),

> There can be little doubt that the Japanese colonial heritage played an important role in giving Taiwan a long-term advantage in the development race. The colonial administration—if for its own selfish reasons (i.e., its need for sugar and rice)—expended substantial resources on the rural sector, in the forms of roads, drainage, irrigation, and power, as well as on institutional infrastructure, in the form of agricultural research, experiment stations and, most importantly, farmers' associations. All these constituted capital and institutional investments, which together led to a significant Green Revolution in rice long before World War II, with yields rising by 4 percent a year between 1921 and 1937; even more importantly, they laid the groundwork for the full mobilization of the agricultural sector in the postwar era. Taiwan also benefited from rather unusual colonial policies favoring primary education, for example, by the early 1950s, 60 percent of the population was already literate.

Logo um suposto imperialismo semi (ou algo) benevolente por parte dos japoneses criou uma base relativamente sólida na qual o governo de Chiang Kai Shek pode trabalhar. Mas o autor também cita a reforma agrária – realizada em três etapas a partir de 1949 – como uma medida que possibilitou não apenas a melhora da distribuição de renda como também como foi fator importante para o aumento da produtividade agrícola. É claro que a ajuda financeira fornecida pelos EUA também teve seu papel, mas ela foi encerrada por volta de 1965, quando Taiwan ainda estava bem distante de ser um país razoavelmente desenvolvido. O autor argumenta que certas questões institucionais responderam muito bem as reformas, sobretudo o secularismo, o igualitarismo e o nacionalismo, este, no entanto, um nacionalismo orgânico, "a community of feelings grounded in a common historical past" (*idem*, p.5). Estas condições iniciais influenciaram o desenvolvimento do país até o final da década de 1970, quando foram criadas as bases para o avanço posterior.

Na década de 1980, como vimos, a economia de Taiwan começa a acelerar a transição industrial, a indústria intensiva em mão de obra vai, paulatinamente, perdendo espaço para setores incentivos em tecnologia. Essa transição, junto com um grande superávit na balança comercial, possibilitou uma maior abertura da economia, o que, no estágio em que se encontrava o país, contribuiu para que as empresas aprimorassem a administração e o padrão tecnológico. Não estamos falando aqui de um liberalismo raso, ideológico; as condições na ilha, depois de 30 anos (!) de desenvolvimento já estavam maduras para uma maior inserção no mercado mundial, não apenas como exportador

mas também como importador. Na verdade, enfrentar as adversidades através de melhorias incrementais da infraestrutura básica e produtiva foi um dos nortes da política de desenvolvimento implementada no país. Como afirma Schive (2002, p. 103),

> In the 1970s, the two world energy crises had a significant economic impact on Taiwan. The country went through an obvious slump during the first crisis, and experienced a rate of inflation much higher than the rate of neighboring countries. During that time, Taiwan's fixed foreign exchange system exacerbated economic fluctuations. But during that period, ten major infrastructure projects were completed on schedule, strengthening the still rather underdeveloped social infrastructure and encouraging the development of several heavy industries. These heavy industries were primarily the materials and parts industries supplying traditional export firms, and the machinery industry providing capital goods. Consequently, during the late 1970s Taiwan's reliance on imports of intermediate products and capital equipment decreased, a phenomenon called secondary-import substitution, which caused an overall fall in imports, affecting the trading structure of the 1980s and bringing on the ensuing trade imbalances.

Logo a forma de enfrentar a crise maximizou algumas das vantagens comparativas que Taiwan tinha naquela época e permitiu uma base relativamente segura para a transição tecnológica observada nas três décadas seguintes. É claro que os investimentos feitos nos anos de 1970 iriam ocorrer de qualquer modo, mas as crises do petróleo concorreram para que eles fossem mais bem alocados possibilitando uma maior sinergia entre o então estado econômico em que o país se encontrava e o estado desejado[3] para o futuro próximo (década de 1980).

Ouro dado importante para o desenvolvimento do país foi a política de incentivo a poupança que possibilitou uma relativa autonomia financeira depois que a ajuda norte americana cessou. Se nas décadas de 1950 a 1970 Taiwan acumulava seguidos déficits comercias, da década de 1980 em diante os superávits tornaram-se não apenas constantes, como extremamente elevados, possibilitando a acumulação de grandes reservas cambiais em moeda forte e dotando o país de maior resistência para enfrentar crises internas e externas, como ficou patente quando da crise asiática de 1997; naquele episódio, Taiwan teve um desempenho bem melhor que as outras economias emergentes do sudeste asiático, inclusive Coreia do Sul.

Nestes sessenta anos a ilha sofreu uma profunda transformação de sua estrutura econômica, deixando de ser um país eminentemente agrário para tornar-se uma economia industrial e urbana, reduzindo para menos de um décimo o total da população no setor primário, evidenciando um forte aumento da produtividade agrícola, tanto do

solo como do trabalho, que contribuiu para liberar mão de obra para a indústria. É interessante notar que já no final dos anos de 1980, se bem que de forma muito lenta, o emprego industrial começou a diminuir e o setor de serviços terminou por se tornar preponderante em relação à geração de empregos, no entanto seria no mínimo falta de cautela afirmar que o setor secundário deixou de ser o mais importante da ilha, na verdade, a indústria continua sendo, mesmo na segunda década do século XXI, o motor do dinamismo econômico taiwanes, pois fornece empregos bem remunerados e seu dinamismo se reproduz por toda a economia.

Educação e Ciência e Tecnologia: estratégia de desenvolvimento da Coreia do Sul e Taiwan

Uma quase obsessão pelo desenvolvimento educacional e tecnológico tomou de assalto, primeiramente o setor público, e posteriormente o privado, nas duas nações analisadas nesse artigo. Mesmo que de forma incipiente, os sistemas de fomento de pesquisa e desenvolvimento – P&D surgiram já na década de 1950 e foram sendo ampliados nas últimas seis décadas. O investimento neste setor aumentou drasticamente com o passar dos anos, os investimentos em P&D vem aumentando constantemente como percentual ao PIB, demonstrando uma clara estratégia de maximização do padrão tecnológico empreendido por esses países asiáticos.

Esse processo de desenvolvimento tecnológico, segundo Kim (2000), se dá em três estágios entre os países periféricos – i) Duplicative Imitation Stage, ii) Creative Imitation Stage e iii) Innovation Stage –, sendo que poucos passam do primeiro estágio. No caso de Taiwan e Coreia a política tecnológica foi especialmente eficaz na interação entre a ação pública e privada tendo em vista possibilitar o processo de *catching-up* em relação aos países centrais. No primeiro estágio (Duplicative Imitation Stage) o crescimento industrial começou baseado na indústria leve intensiva em mão de obra, evoluiu para a eletrônica até chegar às máquinas e equipamentos industriais na década de 1970, sempre com forte transferência tecnológica proveniente de nações desenvolvidas, EUA e Japão, sobretudo (*idem*). No segundo estágio (Creative Imitation Stage) continuou a transferência de tecnologia estrangeira e aumentou o investimento em C&T, e foi estabelecida uma política ativa visando o repatriamento de cérebros que foram para o exterior. No terceiro estágio (Innovation Stage) houve forte expansão de

pesquisadores em universidades e centros de C&T e a produtividade do trabalho andou lado a lado com o aumento dos investimentos em P&D, tal correlação não é casual, e é claro que a melhora do padrão educacional também entra como condicionante para a expansão da produtividade.

No caso de Taiwan, para fomentar o P&D nacional o governo utilizou de inúmeros mecanismos de incentivos e coação sobre as empresas, sobretudo através de agências de fomento e do uso de incentivos financeiros. Segundo Simon (2002, p. 125),

> [...]the fact is that the supportive role of state-led banks and other related financial institutions has been highly important in the context of the island's major industrial initiatives. Second, a combination of economic policy instruments and financial incentives has been introduced to facilitate the diffusion of existing technology. A variety of state-sponsored institutions have been created to ensure that new knowledge and technology spread to relevant end users. A good example is the Institute of Information Industry created in the late 1970s. Third, a series of related policies have been implemented aimed at improving the process of importing technology and its utilization.

Estes mecanismos se mostraram eficientes para o desenvolvimento tecnológico, permitindo ganhos de produtividade consideráveis e expansão da produção de bens de maior valor agregado. Para chegar a esse resultado Taiwan adotou uma estratégia de complementaridade tecnológica em relação às multinacionais dos países centrais como fornecedoras de componentes, inicialmente os de menor valor agregado (SIMON). Essa complementaridade, no entanto, começou a ter fraturas quando várias empresas da ilha começaram, elas mesmas, a se tornarem grandes multinacionais que projetam e lançam produtos acabados que concorrem diretamente com as grandes de determinado setor. A ilha também tornou-se receptora de capital estrangeiro, mas apenas quando complementavam a estratégia de desenvolvimento do país. Desta forma havia restrições de investimentos externos em várias áreas e sob condição de tornar Taiwan plataforma exportadora, e comprar o máximo possível de componentes produzidos por empresas locais. Nesse sentido as zonas de exportação foram vitais, Taiwan foi o primeiro país do mundo a adotar áreas de processamento de exportações onde multinacionais poderiam se beneficiar de isenções tributárias e baixo custo da mão de obra, segundo Simon milhares de trabalhadores da ilha tiveram seu primeiro treinamento industrial nessas zonas e, sobretudo o pessoal de nível técnico, absorveram *know-how* administrativo e de mercado e, posteriormente, abriram suas próprias empresas ou foram trabalhar em empresas nacionais já estabelecidas.

> The key to their ability to make effective use of foreign know-how was in the approach they adopted, an approach that once again reflected the smaller size and more limited resources of Taiwanese firms when compared to their Korean counterparts. Four features characterize this approach: selectivity, focus, infrastructure, and temporal coherence. Capital and personnel resources were targeted to meet specific rather than general or ambiguous objectives; these resources were drawn from a strong physical and educational infrastructure. Essentially, foreign technology was viewed as a means to overcome domestic limitations for entering overseas markets. (*idem*, p. 130).

A adoção desse sistema de absorção de *know-how* administrativo e tecnológico intimamente ligado a uma política exportadora permitiu que o país estabelecesse um sistema interessante de graduação tecnológica ágil e ligada ao mercado internacional, possibilitando que as firmas locais agregassem cada vez mais valor aos seus produtos e ampliassem a produtividade de forma a tornar Taiwan mais e mais atrativo como fornecedor de componentes e, posteriormente, de produtos totalmente acabados para o mercado internacional.

Para chegar nesse estágio onde inovação é mais importante que imitação, Taiwan (e também a Coreia) investem pesado em C&T e, a partir da fórmula "learning by research" começa a se destacar no cenário internacional como produtor de bens com alto conteúdo tecnológico. Segundo Kim (2000, p. 11),

> Technological capability refers to the ability to make effective use of technological knowledge in production, engineering, and innovation in order to sustain competitiveness in price and quality. Such capability enables a firm to assimilate, use, adapt, and change existing technologies. It also enables a firm to create new technologies and to develop new products and processes in response to the changing economic environment. Technological learning is the process of building and accumulating technological capability. To increase competitiveness, both governments and firms should be concerned with capability building. Those activities take place largely at firms, but the government's public policy can establish important infrastructure that facilitates such activities.

Segundo Simon (2002, p. 138),

> Spurred by the imperative of "catching up" with the advanced industrialized nations, Taiwan has substantially increased both direct investment and indirect support for building up a domestic science and technology infrastructure. The focus of this investment has covered a range of items, including the formation of several government-sponsored laboratories, establishment of various industry- oriented assistance organizations, expansion of graduate-level technical education programs, and creation of special funds for supporting acquisition of foreign technology and domestic R and D programs. While government involvement on Taiwan has not guaranteed the success of the overall technology program or any specific project, it

> has had a significant influence and shaping effect on the process of technical upgrading through the above actions. In many ways, the state in the Taiwan case has replicated, to some extent, the role played by government in the process of innovation in Japan. Its most significant role has been as an initiating mechanism. Through its industrial targeting policies, its ability to reduce costs, and its willingness to increase rewards, the Taiwanese state has been able to stimulate market response and affect the R and D process itself.

Logo fica claro o papel do Estado no avanço tecnológico de Taiwan, induzindo e incentivando as empresas a inovarem, sendo responsável por parcela significativa dos investimentos em P&D, esse investimento governamental em relação ao investimento total em P&D, no entanto, tendeu a cair pois a capacidade das empresas de gerar recursos aumentou substancialmente nas últimas três décadas, por outro lado o papel do Estado de fomentador de novas tecnologias e de novas indústrias continua forte, demonstrando sua posição estratégica para a continuidade do desenvolvimento econômico da ilha.

Por outro lado a principal marca do desenvolvimento coreano, além de investimento em P&D, é, sem dúvida, sua política educacional e de C&T. O sistema educacional foi moldado ao longo dos anos para ser um dos promotores do crescimento econômico. No final da década de 1940, era mínima a proporção da população em idade escolar que frequentava a escola e, consequentemente, o nível de analfabetismo era elevado. Em apenas uma década, no entanto, quase 100% das pessoas em idade escolar já estavam estudando e, no início dos anos de 1980 o analfabetismo tornara-se residual. Para tanto o gasto governamental em educação pulou de 2,5% do orçamento em 1951 para 23% em 1995 (MASIERO, 2002). Os gastos privados, empresas e famílias, também são elevados.

> Vários outros países também apresentam rápido crescimento dos números relativos a educação formal. O que tem diferenciado a Coréia do Sul dos demais é a prévia expansão da educação de maneira a suportar as exigências das diferentes etapas de desenvolvimento do país. Muitas empresas possuem suas próprias escolas e desde 1974 o governo tornou compulsório o treinamento dos trabalhadores nas empresas de mais de 300 empregados, e com mais de 150 desde 1992, o que levou a constituição de vários centros de treinamento em todo o país. Além deles tem sido crescente as matrículas nos cursos técnicos de 2 a 3 anos de duração. A expansão desses programas ao longo das últimas duas décadas reflete o esforço de capacitação técnica em resposta ao aumento da complexidade industrial e crescentes demandas das empresas. (MASIERO, 2002, p. 206).

E não é apenas na educação fundamental ou no ensino médio que o país se

destaca, o forte investimento no ensino técnico e no superior tornou a Coreia uma das nações com maior densidade de engenheiros e técnicos do mundo. Esse fato é fundamental para alimentar o desenvolvimento industrial, principalmente nos últimos anos, quando a país se estabeleceu em áreas tecnológicas que demandam alto conhecimento. Para chegar neste estágio onde inovação é mais importante que imitação a Coreia do Sul investe pesado em C&T. Segundo Barros (2002, p.63-64),

> O conceito de C&T adotado nos anos 60 e 70 pelos coreanos é praticamente limitado a capacidade de apreender, absorver, transmitir e usar tecnologia importada. A força do processo de C&T tinha o foco centrado na educação e o esforço não era gerar conhecimento mais criar condições de realizar o que os especialistas coreanos chamaram de "learning by doing". Essa postura mudou e a nova fase inaugurada em 1986 foca a qualidade da ciência gerada no país, por que objetiva estabelecer uma nova condição expressa na fórmula "learning by research".

Provavelmente nenhum outro país do mundo subordinou tanto sua política tecnológica ao desenvolvimento industrial como a Coreia do Sul, levando a críticas que afirmam que o país investe muito em pesquisa aplicada e pouco em pesquisa básica, o que, no futuro, poderia condicionar o desenvolvimento. Essas críticas provavelmente têm fundamento, mas até o momento esse fato não parece prejudicar a trajetória ascendente da Coreia. Segundo Kim (2000, p. 11),

> Technological capability refers to the ability to make effective use of technological knowledge in production, engineering, and innovation in order to sustain competitiveness in price and quality. Such capability enables a firm to assimilate, use, adapt, and change existing technologies. It also enables a firm to create new technologies and to develop new products and processes in response to the changing economic environment. Technological learning is the process of building and accumulating technological capability. To increase competitiveness, both governments and firms should be concerned with capability building. Those activities take place largely at firms, but the government's public policy can establish important infrastructure that facilitates such activities.

Um exemplo claro da afirmação de Kim sobre essa interrelação entre Estado e empresa na busca pela capacitação tecnológica é a indústria de eletrônica da Coreia do Sul. No final dos anos 60, o governo sul-coreano decidiu estabelecer incentivos a esse importante ramo da economia mundial. Foi aprovada uma lei de incentivo a essa atividade que determinava quem poderia dela participar, criou-se um fundo de fomento que coordenava a criação de complexos industriais. Como resultado as exportações de eletrônicos da Coreia aumentaram à razão de 53% a.a., na década de 1970, e a produção

à razão de 44% a.a.; e, em apenas vinte anos, entre 1967 e 1987, a renda do setor multiplicou-se por mil, passando de 10 milhões de dólares para 10 bilhões, tornando o país um dos líderes mundiais neste ramo (KANG).

Para chegar nestes números, o governo sul-coreano formulou uma estratégia para o setor de seis pontos:

1. Potencial de exportação.
2. Perspectiva de demanda interna.
3. Progresso geral do país.
4. Dependência mínima de matérias-primas.
5. Mínimo choque comercial.
6. Efeitos secundários benéficos.

A indústria eletrônica coreana tem seu início montando produtos com componentes estrangeiros, em seguida passou a produzir sob licença, localmente, os componentes de menor intensidade tecnológica e, em determinado momento, ela estava produzindo todo o equipamento. Assim nos anos de 1980, depois de intensos investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, as empresas da Coreia do Sul finalmente passaram a desenvolver produtos com conhecimentos próprios, aumentando drasticamente os seus ganhos. Outra mudança observada, no período, foi o aumento substancial da participação de semicondutores e PCs no percentual da produção total de bens eletrônicos em detrimento dos bens de consumo, como TVs e aparelhos de som, mesmo levando-se em conta que o valor produzido destes últimos tenha aumentado de forma drástica. Para a indústria eletrônica da Coreia o fundamental para chegar ao estágio atual foi não ter permanecido apenas como reprodutora de tecnologia copiada dos países centrais; partir para tentar criar sua própria tecnologia foi a chave que garantiu o sucesso.

Nos dias atuais, a Coreia do Sul ainda tem dependência tecnológica em relação às nações desenvolvidas, mas essa dependência vem diminuindo com o passar dos anos. Em verdade, o país hoje já recebe “royalties” de sua tecnologia. A indústria eletrônica demonstrou às empresas e ao Governo como concorrer globalmente e tirar proveito das vantagens competitivas: mão de obra educada e relativamente barata. Este processo foi rapidamente expandido para outras indústrias como a de maquinário industrial e automobilística. As empresas coreanas também se tornaram altamente capazes de

determinar que tipos de produtos os países centrais não tinham mais interesse de produzir e, rapidamente, ocupavam este mercado usando-o como plataforma para saltos mais ambiciosos.

A Coreia do Sul soube dosar relativamente bem a intervenção estatal para se desenvolver nos últimos 60 anos e, nem a crise de 1997, parece ter tirado a capacidade do país crescer. Esse período de crescimento econômico foi acompanhado por distribuição de renda e melhora social, sendo que o salário médio dobrou, em termos reais, entre 1980 e 1995 e o mínimo triplicou no mesmo período (KANG).

Considerações Finais

Coreia do Sul e Taiwan se tornaram os maiores exemplos de desenvolvimento periférico do século XX. Países eminentemente agrários ainda em 1950, contam hoje com um parque industrial diversificado e tecnologicamente avançado. O fato de que, naquela época, o mundo estava mergulhado na guerra fria contribuiu para que estes países recebessem importante ajuda financeira e técnica dos EUA, facilitando o caminho em busca do crescimento econômico. Por outro lado essa ajuda seguramente não teria tido resultados dignos de nota se a profunda reestruturação econômica por qual passaram não tivesse sido posta em prática, sobretudo em relação à reforma agrária, que destribuiu renda e abalou o poder da oligarquia antidesenvolvimentista, que inclusive, tinha, nos dois países, compactuado com o imperialismo japonês.

As transformações do pós-guerra, no entanto, foram, ao longo das últimas décadas, tão profundas que pouco resta daquele pensamento que um dia foi predominante, hoje estas nações estão voltadas para o mundo urbano e tecnológico, onde a industria, e não mais a agricultura, é o vetor fundamental do dinamismo econômico, e onde a educação tem desempenhado um papel preponderante no processo de desenvolvimento nacionais. Outro dado importante foi a decisiva atuação do Estado no processo que desencadeou o desenvolvimento econômico, seja formulando políticas desenvolvimentistas, seja atuando diretamente na produção econômica, seja investindo e incentivando as empresas a investir em P&D. Ainda de certa forma ligados a Guerra Fria – A Coreia do Sul ainda continua tecnicamente em guerra com a Coreia do Norte e a China ainda considera Taiwan uma província rebelde –, estes dois estados vão lentamente obtendo algum grau de autonomia frente às potências regionais e mundiais

que nos dois últimos séculos foram fundamentais para a história desses pequenos países.

Referências Bibliográficas

BARROS, Hélio G.. *Política científica na Coréia: evolução da máxima tecnologia contida na educação à máxima ciência contida no conhecimento*. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). Coréia: visões brasileiras. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 59-99.

BARROS, José D`Assunção. História Comparada: da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *Revista de História Social*. Campinas SP, n 13, p. 7-21, 2007.

CANUTO, Otaviano. *Fluxos de capital, crise e recuperação da Coréia do Sul*. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). Coréia: visões brasileiras. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 281-323.

CANUTO, Otaviano. O Padrão de Financiamento na Industrialização Coreana. In: *Revista de Economia Política*. São Paulo, v. 14, no. 3 (55), jul/set 1994. p. 5-19. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/55-1.pdf> acesso em 22/01/2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI Héctor Pérez. *O Método Comparativo na História*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & BRIGNOLI Héctor Pérez. Os Métodos da História. Rio de Janeiro. 3 ed. Edições Graal, p. 409 – 419, 1983.

CASTELLS, Manuel: *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Volume 3: Fim de Milênio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FAUSTO, Boris & DEVOTO Fernando J.. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada*. São Paulo. Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e Economia na Coreia do Sul: do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. In: *Revista de Economia Política*. São Paulo, v. 30, no. 1, mar 2010. p. 45-62. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000100003&script=sci_arttext> acesso em 16/01/2013.

KANG, T. W.. *Coréia, o Novo Japão: estrutura, estratégia e táticas que explica seu crescente êxito como potência industrial*. 1 ed. São Paulo: Maltese, 1990.

KIM, Linsu. The Dynamics of Technological Learning in Industrialisation. In: *Internacional Social Sciense Journal*. Holanda. 2000. Disponível em <http://www.intech.unu.edu/publications/discussion-papers/2000-7.pdf> acesso em 20/01/2015.

MASIERO, Gilmar. *A Economia Coreana*: características estruturais. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. (Org.). Coréia: visões brasileiras. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2002. p. 199-252.

OLIVEIRA, Amaury Porto De. Os Coreanos na História Segundo Bruce Cumings. In: *Revista Brasileira de Política Internacional.* Vol. 40, n.1. Brasília, Jan./Jun., 1997. p. 193-200.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – *OCDE*. Disponível em <http://www.oecd.org/korea/> acesso em 13/03/2016.

RANIS, Gustav. *Lessons from Taiwan's Performance: neither miracle nor crisis*. In CHOW, Peter C. Y. (Org). Taiwan in the global economy : from an agrarian economy to an exporter of high-tech products. Preager Publishers, Westport, 2002. p. 3-21.

SCHIVE, Chi. *Taiwan's Emerging Position in the International Division of Labor*. in: CHOW, Peter C. Y. (Org). Taiwan in the global economy: from an agrarian economy to an exporter of high-tech products. Preager Publishers, Westport, 2002. p. 101-122.

SIMON, Denis Fred: *Taiwan's Emerging Technological Trajectory: creating new forms of competitive advantage* in: CHOW, Peter C. Y. (Org). Taiwan in the global economy: from an agrarian economy to an exporter of high-tech products. Preager Publishers, Westport, 2002. p. 123-145.

TAIWAN. *Council For Economic Planning And Development. Taiwan Statistical Data Book 2014*. Disponível em:<http://www.cepd.gov.tw/encontent/m1.aspx?sNo=0001453&key=&ex=%20&ic=&cd=>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

THEML, Neyde & BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: olhares plurais. In: *Revista de História Comparada*. Volume 1, n 1, p. 1-23, jun./2007.

TSAI, Pan-Long. Explaining Taiwan`s Economic Miracle: are the revisinists right? In: *Agenda*. V. 6, 1999. p. 69-82.